

DO INSUSTENTÁVEL DO QUE É MAIS LEVE AO QUE MAIS VALIA

Eu também sei que a greve é grave
É um alarde que a ordem desequilibra
É a intermitência do grito desesperado
É uma turba de zumbis ensandecidos
É a falência da *pólis* robotizada
É o entrave do progresso do imediato
Mas o que é a gravidade?
Quem fez o desequilíbrio?
O que nos faz gritar?
Quem promove a sandice?
O que é esse policiamento e esse roubo?
Quem lucra nesse imediato progresso?

Antecedem aos braços cruzados outros tantos abraços
E neles os músculos malhados no trabalho
Do suor daquele que teme a ordem
E anseia a vida, pulsada em dores
No corte amargo da cana-de-açúcar
Nos arranha-céus pendurados em abismos
Nas academias e lavouras e estradas
A ensinar sobre enxadas e carpir ideias

Nas ruas, os pés que interrompem o tráfico de fé
Trazem calos há muito confinados
Marcham sobre o asfalto - testemunho do operário
Onde o ônibus conduz marmitas ainda na madrugada
E livros e apostilas e o desejo e a utopia

O alarido da corrente não lesiona os ouvidos
Nem olhos se ameaçam na visão da multidão
Tudo fecha, tudo para, tudo silencia
É o coração e a coragem que arvoram
Outras lutas há nas lutas e outras tantas
A história é de um povo companheiro
Que se escreve e ganha voz e ganha força

O universo da sociedade
É corpo concreto na universidade
Universidade em greve é o corpo social em crise
E não é mais grave, pois se é corpo sendo crise
Corpo crítico – o professor em greve
Ensina e professa e associa
A crise do corpo em lutas

Na luta,
Cada peso, pouco a pouco, em nosso corpo é companheiro
A alma não se vende e o mais leve é o que mais vale
E desfaz-se a gravidade que se disse que há na greve.